

LEITURAS POSSÍVEIS DE *A EVA FUTURA*, ROMANCE DE VILLIERS DE L'ISLE ADAM. Fernando Góes, Sidney Barbosa. – Ciências Humanas – Letras – Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Villiers de l'Isle-Adam é considerado pela historiografia literária uma das figuras mais importantes do Simbolismo francês. No entanto, diferentemente da maioria dos simbolistas de sua geração, que se dedicou à poesia, sua contribuição prende-se fundamentalmente a uma literatura que se configura, formalmente, dentro do gênero narrativo. A produção literária de Villiers possui muitas obras interessantes, dentre as quais pode-se destacar o romance *A Eva futura*, publicado em 1886. Nota-se nesse romance de Villiers muitas reflexões filosóficas, muitas críticas ao cientificismo positivista de fins do século XIX e uma fina ironia com relação à burguesia e à excitação causada pela inovação tecnológica.

O presente estudo objetivou analisar as categorias da narrativa em *A Eva futura* a fim de se investigar as potencialidades científicas desse singular romance. Esse objetivo liga-se a um maior que é desvendar o universo literário de Villiers a fim de se verificar a importância da produção romanesca desse autor na corrente simbolista francesa. Para analisar as categorias da narrativa (narrador, personagem, tempo, espaço e enredo) utilizou-se, principalmente, os resultados apresentados no relatório parcial feito na primeira etapa dessa iniciação científica de uma bolsa CNPq/pibic. Nele consta um levantamento em que se buscou definir as teorias que tratam das categorias da narrativa, bem como sua aplicação no romance *A Eva futura*.

No que tange à personagem, observa-se que esse romance de Villiers é constituído basicamente por personagens planas que tendem a se tornarem esféricas e por personagens com profunda complexidade psicológica. Pode-se pensar que somente Hadaly e Sowana são completamente esféricas. Edison e Lorde Ewald apesar de denotarem indícios dessa profundidade psíquica trazem consigo fortes traços do tipo. Edison como representante do cientista extremamente positivista e Lorde Ewald como representante do decadente de fim de século. No que diz respeito ao discurso da personagem tem-se a utilização, principalmente, da forma direta. Nota-se em *A Eva futura* um emprego acentuado desse tipo de discurso o que confere certa dramaticidade ao romance. *A Eva futura* pode ser considerado, de certa forma, um romance dramático, pois abusa na utilização do traço estilístico mais original da arte dramática, o diálogo. Percebe-se também no que toca à utilização do discurso direto que há ausência em alguns momentos de marcas introdutórias desse discurso. Têm-se longos diálogos em que às vezes as falas das personagens não aparecem com travessão ou qualquer outro indicador grafêmico que tenha como objetivo demarcar o discurso da personagem o que chega mesmo a causar certo conflito com relação a saber de quem é a voz da enunciação, do narrador ou da personagem?

Com relação ao espaço, nota-se a configuração de um ambiente fechado, carregado de mistérios, um lugar isolado e movido pela ciência positivista, cheio de máquinas fantásticas e repleto de objetos científicos estranhos, que causam espanto em quem não os conhece. De modo geral, *A Eva futura* apresenta uma construção espacial tradicional com uma voz onisciente que na maioria das vezes descreve de forma desapaixonada o lugar onde se desenrolará as ações narrativas. Contudo, essa descrição muitas vezes é filtrada pelo foco de uma personagem, geralmente Lorde Ewald. Dessa forma, o narrador orquestrador ambientaliza o espaço romanesco de modo a transferir o assombro de alguns personagens diante desse espaço fantástico para o leitor. No que toca às mudanças espaciais, não se notou grandes alterações no espaço onde se desenrolam as ações. No entanto, há referência a vários outros lugares, certamente com o fim de conferir mais verossimilhança a história ou apenas situá-la num certo contexto espacial. Verifica-se também a projeção desse espaço peculiar na caracterização de algumas personagens.

O tempo em *A Eva futura* recebe tratamento também convencional, não há quebra com o que vinha sendo trabalhado em muitos outros romances do período. Prova disso é o tempo do discurso que respeita a ordem cronológica não fazendo uso, por exemplo, de grandes anacronias. O que chama mais a atenção na categoria tempo em *A Eva futura* é o comprometimento da velocidade da narrativa pela utilização excessiva de cenas, o que ocasiona um aumento no número de páginas do romance tornando-o extenso. Seguramente, pode-se pensar que o escopo dessa maneira de contar a história, se utilizando basicamente de cenas, é uma caracterização mais definida e desapaixonada feita pelo

narrador. Apesar de a caracterização das personagens ser em sua maior parte direta, muitos elementos do caráter de Edison e de Lorde Ewald são apreendidos pelos diálogos entre ambos, pelo que um pensa do outro ou de si mesmo.

Com relação ao narrador de *A Eva futura* nota-se que sua presença é pouco perceptível, como se ele apenas apresentasse de maneira desapaixonada a história da Eva futura construída por Edison. Exemplo dessa não evidência do narrador é a utilização desmedida do diálogo que deixa para quem narra apenas a tarefa de mediador entre um e outro personagem. De fato, percebe-se o narrador principalmente em momentos de descrição do espaço físico ou de mediação entre os diálogos dos personagens. A perspectiva narrativa, inclusive, comprova essa atitude do narrador, pois o que se tem é uma focalização que quando não é externa onisciente, servindo principalmente à descrição, é interna variável centrada principalmente em Lorde Ewald. A descrição do espaço físico é feita de acordo com o que é englobado pelo campo de visão do Lorde. Quem lê sente-se como ele, suas dúvidas são as dúvidas do leitor. Contudo, não se percebe nessa utilização do foco interno variável uma profunda influência da subjetividade da personagem focalizadora. Tanto nos momentos de foco externo onisciente quanto nos de foco interno variável o que se nota é uma observação objetiva, que deixa transparecer certa subjetividade somente nos momentos de espanto de Lorde Ewald.

A categoria enredo foi a mais surpreendente, pois revelou um intenso diálogo com o mito bíblico de Adão e Eva que norteia, de certo modo, essa narrativa. De fato, a fábula em *A Eva futura*, ou seja, a história em estado bruto, antes de se transformar em intriga, não se mostra de difícil interpretação. Tem-se um cientista que quer testar o seu novo invento, uma andróide capaz de concretizar qualquer ideal feminino, um “remédio” para os corações condenados pela paixão extremada. No entanto, ele precisa de alguém que aceite participar desse “teste”, alguém que queira concretizar seu ideal de beleza e caráter feminino. Surge então Lorde Ewald que completa a triangulação: Edison o pai criador, Hadaly a nova Eva que tem sua existência condenada sem a presença de um Adão, no caso o Lorde. Nota-se que o objetivo de Edison era concluir essa triangulação e fechar a corrente que daria o existir para sua criatura. A fábula de *A Eva futura* corresponde portanto à “obsessão” de Edison para fechar essa triangulação e dar vida à Hadaly. E tal como o projeto divino o de Edison também vai fracassar.

Pode-se inclusive pensar que essa predestinação ao fracasso, esse poder do mito que é imutável, se configura como a grande força antagonica que se opõe às “molas” que conferem movimento à narrativa. De fato, essas forças que movem a narrativa conferem objetivos ao protagonista e se manifestam melhor quando há também a presença de uma força antagonica ou um conflito.

Por fim, concluiu-se que *A Eva futura* é estruturado de forma tradicional, ou seja, não se afasta da maior parte da produção romanesca do século XIX. No entanto, a análise das categorias permitiu uma observação mais profunda da estrutura do romance e verificou-se, além de outras características relevantes, um intenso diálogo com o mito bíblico de Adão e Eva. Dessa forma, constatou-se que esse romance caracteriza-se como portador de um grande potencial científico, ou seja, há muitas possibilidades de leitura que poderão ser exploradas em pesquisas posteriores.

Bibliografia

- BOURNEUF, R., OUELLET, R. **O Universo do Romance**. Tradução José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.
- CARVALHO, A. L. C. de. **Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária**. São Paulo: Pioneira, 1981.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Princípios)
- GRÜNEWALD, E. A. Villiers, Entre o Sonho e o Escárnio. In: **A Eva Futura**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- JUNQUEIRA, Renata Soares. **Florbela Espanca: uma estética da teatralidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- MENDILOW, Adam Abraham. **O tempo e o romance**. Tradução Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2003.

- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Villiers de L'Isle-Adam: a vida como arte. In: **Inútil poesia**: São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. 7ª. ed. Coimbra: Almedina, 2000.
- ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 1965.
- VILLIERS DE L'ISLE-ADAM. **A Eva futura**. Tradução Ecila de Azeredo Grünwald. São Paulo: EDUSP, 2001.
- WILSON, Edmund. **O castelo de Axel. Estudos sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930**. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1993.

Bolsa: CNPq/PIBIC